



OS DESAFIOS DA FORMA BREVE

GABRIELA RUIVO TRINDADE E NARA VIDAL

A proposta de tradução do trabalho de Alê Motta se difere, moderadamente, das demais propostas de tradução inseridas nesta antologia. Alê Motta vem se destacando na literatura brasileira contemporânea através da escrita de microcontos (*flash fiction*). Por conta exatamente da extensão das narrativas da autora, propomos a tradução de dois dos seus textos. É importante frisar que não há absolutamente qualquer facilidade na tradução devido à medida e ao formato dos microcontos. Pelo contrário; apresentam enorme desafio de síntese e significado.

As notas abaixo são de autoria de Gabriela Ruivo Trindade e Nara Vidal, respectivamente. Trindade e Vidal traduziram, colaborativamente, os dois microcontos e o processo de cada uma delas está descrito em seus comentários.

Por Gabriela Ruivo Trindade

A tradução é uma arte delicada e minuciosa. Quando o autor escreve um texto literário, este desenvolve-se consoante um estilo próprio e um ritmo que o mesmo não controla de forma totalmente consciente. E ainda que o texto seja alvo de uma revisão apurada, como sempre é, a criação comporta uma parcela de espontaneidade na sua origem mais profunda. Ora o tradutor, também sendo um criador, é, acima de tudo, um intérprete. Ele não se pode deixar levar pelo seu próprio estilo literário, tendo de se adaptar ao ritmo e às características da prosa que tem em mãos. Daí o seu trabalho exigir muito mais minúcia e perfeição. A boa tradução não é aquela que se cola ao significado literário das palavras, mas a que tem em conta a ambiência e a respiração do texto. Traduzir é reinventar a prosa noutra língua, encontrar equivalentes de expressões e anedotas noutra universo.

Os textos de Alê Motta, que traduzi em conjunto com Nara Vidal, representaram, desta forma, um desafio imenso. A prosa da autora é constituída por frases curtas, muito simples. Porém, isso não diminui em nada o desafio. Traduzir frases simples pode tornar-se ainda mais complexo do que traduzir um texto mais elaborado. A simplicidade obriga a uma atenção e precisão na escolha das palavras, do tom, dos pequenos detalhes que emprestam ao texto uma musicalidade única. A complexidade reside, precisamente, na meticulosidade exigida pela tarefa. Dissecar as frases, as palavras, os seus significados, sem perder de vista o conjunto, é um trabalho exigente e muito enriquecedor. O tradutor é alguém em constante formação; acredito que cada texto seja uma oportunidade única de aprendizagem e aperfeiçoamento.



Outro aspecto fascinante na tradução contempla o altruísmo inerente à tarefa. Os escritores estão permanentemente imersos no seu ego durante a criação; são as suas experiências pessoais, as vivências, os afetos, conscientes e inconscientes, as muitas nuances do seu universo simbólico que dialogam durante o processo de criação. Podemos assim considerar que o escritor cria a partir de si, centrado em si, sendo a criação literária uma atividade egocêntrica por natureza. O tradutor, pelo contrário, tem forçosamente de se moldar ao estilo do autor; o bom tradutor será aquele que se anula, para que seja a voz do autor, o seu estilo, a sobressair na prosa. Ora, isto é precisamente o contrário do egocentrismo. Esta anulação do próprio ego representa, talvez, o desafio predominante na tradução, a proeza mais difícil de atingir.

Por Nara Vidal

É de Jorge Luís Borges a célebre citação que um texto original é infiel à tradução. Essa provocação que eu menciono livremente, de um dos mais celebrados escritores argentinos, expõe um dos maiores desafios no árduo, e sempre incompleto por natureza, trabalho de traduzir ficção.

A contaminação linguística e cultural do tradutor trará, incontestavelmente, marcas próprias para qualquer tentativa de conclusão de versão de um texto ficcional. Incompletude e tentativa são palavras e conceitos que se mesclam à interseção da definição de tradução literária. Ainda Borges, é ele que nos diz sobre o seu contentamento ao ler traduções e críticas dos seus trabalhos para que, finalmente, entendesse o que ele, como autor, quis dizer. A obsessão do leitor em encontrar um sentido conclusivo para qualquer ficção – um exercício pobre e reducionista – deve ser um exercício menos recorrente no ato de traduzir literatura. O tradutor competente e bom é aquele que não necessariamente busca interpretações – ainda que o processo da leitura automaticamente o insira nesse hábito – mas formas de escrita numa língua que abrace todas ou quase todas as possibilidades reticentes de determinada obra. É um grave erro quando uma tradução se apodera da tentativa, inevitavelmente frustrada, de concluir um texto original em sua versão idiomática alternativa. Além de subestimar a obra e o leitor, registra a falha fundamental do entendimento da prática da tradução e seus desdobramentos como alternativas de um texto original.

Goethe escreveu sobre o conceito de *Weltliteratur* que o escritor precisa traduzir o outro para conhecer a si mesmo e transpor fronteiras linguísticas, evitando assim a limitação da literatura de cada país como obsoleta, conforme explica o ensaio da Professora e Doutora em Literatura pela UFMG, Eliane Fernanda Cunha, que desenvolve o conceito do autor alemão através da figura do tradutor como ator principal e não mero interlocutor ou mensageiro. Precisamente nessa proposta de conceito está a dificuldade da tradução para quem também escreve ficção. O tradutor literário, possivelmente, deve tomar para si a



responsabilidade e a autonomia de um novo texto feito a partir de um original que, por ser ficcional, traz uma porosidade, reticência e hesitação pela natureza como Arte. Além dessa camada de quase coautoria, a tradução de microcontos torna-se ainda mais complexa. A proposta estética de Alê Motta sugere exatamente essa dificuldade na tradução literária de tentar traduzir o impacto, a conclusão, a saciedade. Em seu ensaio sobre a tensa colaboração entre Virginia Woolf e Kotelianskii na proposta de traduzir literatura e ensaios do russo para o inglês, Rebecca Beasley aborda a necessidade da precisão oferecida por Kotelianskii entrelaçada à adaptação cultural inglesa sugerida por Woolf que sinalizou o labirinto habitado por investidas de traduções literárias em relação à poesia, por exemplo. Woolf sugere o absurdo e a impossibilidade na experiência de tradução de versos. Essa busca desamparada pelo que se move constantemente – a palavra correta – dá aos tradutores uma alternativa aproximada que abraça língua e cultura, dois elementos em frequente transformação. O exercício de traduzir os contos de Alê Motta ilustra essa busca satisfeita precisamente pela incapacidade de conclusão definitiva, mas que apresenta a possibilidade de exercícios de reescrita de um original alimentado pela concisão, pela brevidade e pelo embate, tanto das palavras, quanto da estrutura, da proposta estética e do gênero.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Eliane Fernanda. Da citação como tradução e crítica na obra de Machado de Assis. Core, p. 2. Disponível em: <https://core.ac.uk>. Acesso em: 25 out. 2020.

BEASLEY, Rebecca. On not knowing Russian: the translations of Virginia Woolf and S. S. Kotelianskii. *The modern language review*, Modern Humanities Research Association, vol. 108, 2013, p.1-29.